

ARTIGO

A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA COMO REGISTRO DA MEMÓRIA SOCIAL

Felipe Campo Dall'Orto¹

RESUMO

Esse artigo fala da importância da comunicação comunitária como forma de registro social e identidade cultural das comunidades. O objetivo é mostrá-la como uma alternativa aos meios de comunicação tradicionais, difundindo os meios de produção, para que os moradores das comunidades tenham a possibilidade de contar sua própria história. A ideia é incentivar sua utilização para a construção de uma identidade regional mais valorizada, além de ser um registro da memória social e coletiva das comunidades.

Palavras-Chave: comunidade; comunicação; memória; cultura.

ABSTRACT

This article focus on the importance of community communication as a way to record social and cultural identity of communities. The goal is to show it as an alternative to traditional media, allowing community residents the opportunity to tell their story. The idea is to encourage its use for the construction of a more valued regional identity as well as a record of social memory and collective communities.

Keywords: community; communication; memory; culture.

¹ Faculdade Estácio de Sá. Bacharel em Comunicação Social pela Faesa, Pós-graduado em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas e Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO.
fdallorto@yahoo.com.br

A comunicação comunitária procura criar condições práticas para que o cidadão se aproprie dos meios de produzir cultura e informação, e amplie suas possibilidades de expressão. Além de estabelecer uma comunicação direta e ativa entre emissores e receptores. Busca ainda a transformação do cidadão comum - espectador, leitor, ouvinte, telespectador; ser passivo, em protagonista da ação, sujeito, criador, transformador. E se preocupa não apenas em tratar e refletir o passado, mas sim preparar o futuro.

Com o intuito de produzir novos conhecimentos e estimular a capacidade criativa, é preciso provocar a partir do 'fazer' a renovação de idéias, transformando assim o cidadão comum num idealizador de representações culturais, capaz de democratizar as formas de produção. Ganhando, um papel ativo e participante no processo, possibilitando-o inserir-se nos meios de produção e participar ativamente da construção da vida pessoal e coletiva, apresentando novas versões para fatos cotidianos, intervindo na forma como as comunidades são vistas e possibilitando uma nova forma de representação perante a sociedade como um todo. É uma comunicação feita pelo povo e para o povo.

O trabalho de difundir os meios de produção é voltado para dar significado a tudo que é sentido e vivido pelos moradores das comunidades, na tentativa de exteriorizar as necessidades vividas através de palavras, imagens e sons. É preciso que todos sejam capacitados, através de oficinas, cursos e vivências, para que possam realmente participar do processo como produtores de cultura e informação, para assim, conseguirem se expressar.

A palavra é o primeiro elemento transformador do mundo de que se vale o ser humano. Por ela o mundo é ordenado num todo significativo. Com a palavra o homem organiza o real, atribuindo-lhe significados. Toda a massa de sensações e percepções é filtrada pela linguagem humana, e recebe uma significação (DUARTE, 1983, p. 19).

A comunicação comunitária representa uma forma alternativa de comunicação que tem sua origem nas décadas 70 e 80. Ela se caracteriza como um processo de comunicação que surge da ação dos grupos ou movimentos populares, pois se trata de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política.

A comunicação comunitária acaba por se revelar um fenômeno complexo, pois não tem a visibilidade amplificada como é a da grande mídia, além de poder ser compreendida de diferentes maneiras. Em suma, diferentes manifestações de comunicação que ocorrem em nível local são colocadas indiscriminadamente sob o rótulo de comunitárias, o que acaba por gerar distorções na compreensão do fenômeno (PERUZZO, 2004).

A comunicação comunitária é uma opção enquanto fonte de informação, o conteúdo que oferece e o tipo de abordagem, mas também, pelas diferentes opções nos formatos - pequenos jornais, boletins informativos, teatro popular, literatura de cordel, 'rádio-poste', folhetos e bicicletas de som, entre alternativas para substituir as

notícias dos jornais convencionais. Dessa forma o cidadão se apropria dos meios de produção para se expressar e ampliar sua capacidade criativa, utilizando os veículos e meios de comunicação que mais se identificar.

É através dessa forma de comunicação que o povo tem voz e vez, tanto para reivindicar seus direitos, quanto para expressar seus anseios e desejos. Suas particularidades tem sido objeto de pesquisa, que visa entender e difundir a sua importância para a construção do senso crítico da comunidade, acerca dos assuntos do seu entorno.

O formato escolhido pode variar em cada comunidade, atualmente com a expansão da tecnologia, oficinas de audiovisual, rádio, jornal impresso e blogs têm acontecimento em diversos espaços, pois as tecnologias diminuíram o tamanho dos equipamentos e os tornaram mais versáteis num pacote portátil de execução automatizada, facilitando a sua utilização e veiculação.

Mais importante do que o meio trabalhado é o processo de aprendizado, que deve ser essencialmente comunitário, orientado pelos anseios e reivindicações da própria comunidade e não pautada por interesses pessoais ou de grupos. E que deve ter a preocupação de ser um trabalho contínuo e não uma ação isolada, com o objetivo de preparar nas próprias comunidades multiplicadores desse conhecimento.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A MEMÓRIA SOCIAL

O fortalecimento e o crescimento das expressões populares têm o mérito de colocar a cultura local em destaque, possibilitando a construção de uma identidade regional mais valorizada e com a qualidade que merecem, além de ser um registro da memória social e coletiva das comunidades.

É interessante observar a memória não somente como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, mas como um fenômeno coletivo e social, que serve como registro a partir da história oral, na qual possa relatar acontecimentos vividos pessoalmente ou como classifica Michael Pollak acontecimentos “vividos por tabela”². Essa memória individual, passível de mudanças, é na verdade um elemento para a construção da identidade social das comunidades, que buscam através da representação do cotidiano transformar a ação real, reconhecendo e respeitando as diferenças no plano individual, e combatendo as diferenças e preconceitos no plano social.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade (ALBERTI, 1989, p. 167).

² POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 5, nº 10. 1992. p. 201.

A memória pressupõe um registro. Ela é seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos guardar. A memória humana é memória de alguém, teoricamente uma memória individual. Como vivemos em sociedade, inseridos em grupos sociais, a memória se torna por outro lado, uma memória social. Como a memória individual pode ser ao mesmo tempo social?

A memória se estrutura a partir dos grupos sociais dos quais fazemos parte e desde o início da civilização a sociedade procurou se estabelecer através da formação de grupos, enfocando as relações interpessoais na família, na comunidade, na escola, no trabalho, nas igrejas, nos partidos políticos, nos grupos artísticos, entre outros.

Recordamos a nossa infância como membros e a partir de experiências numa vida em família, o nosso bairro como vizinhos em uma dada comunidade, a nossa vida profissional em torno de relações estabelecidas no escritório, na fábrica ou no sindicato (SILVA, 2008, p. 86).

Dessa forma é importante perceber que tanto a memória social está inscrita na individual como esta se encontra inserida na sociedade, é difícil dissociá-las. É através das experiências vividas que ela é selecionada e construída.

Esse conhecimento adquirido possibilita aos moradores das comunidades trabalharem na criação de condições e oportunidades para que sintam capacitados a construir ações sociais e educativas, identificando valores e potencialidades locais, para divulgar fatos e reproduzir testemunhos, servindo como fonte de registro e documento. O material produzido serve para testemunhar uma realidade e em seguida, lembrar essa mesma realidade, já que toda história é uma forma de narrativa organizada por alguém em determinado tempo e implica um ponto de vista, uma seleção. E essa construção ocorre, invariavelmente, no presente, por um ou mais autores que decidem registrá-la como 'realidade histórica'.

É fundamental que a comunidade se conheça e se articule para produzir notícias e informações. As histórias de vida e os eventos significantes de uma comunidade são parte da memória coletiva do local, não uma memória enquanto produto, mas constituída como um processo permanente de identificação, que nada mais é do que a construção da própria história, a partir do ponto de vista de quem está inserida nela. Deixa de ser o olhar distanciado da mídia enquanto o discurso do real, para ser o discurso moldado na identidade cultural de quem a vive.

A História é a progressiva e contínua hominização do Homem, a partir do momento que este, diferenciando-se do animal, produz suas condições de existência, produzindo-se a si mesmo conseqüentemente... é a história da autopromoção humana, o que faz do Homem um ser de possibilidades, que compõem sua essência histórica (CIAMPA, 2001, p. 68).

Assim, os moradores participam dessa produção da história e se constroem enquanto sociedade, nunca como um indivíduo isolado, mas como parte integrante e ativa dessa humanidade.

Quando as comunidades iniciaram nas décadas de 70 e 80 esse processo de produzir informação, elas ignoraram o processo de comunicação como um todo que, resumidamente, envolve um ou vários emissores ou produtores, em um determinado contexto, produzindo uma mensagem, por algum meio que precisa chegar a um ou vários receptores. A não preocupação de como esses receptores receberiam ou entenderiam essas informações, provocaram uma comunicação sem feedback, com baixa qualidade visual, mas rica em conteúdo.

Quando as comunidades passam a ter acesso às oportunidades educativas para desenvolver seus potenciais, há a junção da vontade de querer se expressar com o conhecimento, é a interação crítica com os meios de comunicação. Assim eles passam a entender o seu papel dentro da sociedade, desenvolvendo sua percepção como ser social, aprendendo a construir o conhecimento a partir de sua realidade. E assim,

Pensar a comunicação como um direito, que não se restringe ao acesso à produção de informação e seus mecanismos técnicos, mas ao poder, pois na sociedade da informação, nada é mais poderoso que construir pensamentos críticos, plurais e autônomos (PERUZZO, 2004).

A comunicação comunitária tem sua importância calcada no viés da interação entre a comunidade e suas necessidades, seus direitos e aspirações. O valor dado pela população a notícia do que está próximo, confere a comunicação local o papel de mediador das discussões e difusor de ideias e opiniões. É através dela que os moradores vão entender os aspectos sociais, políticos e econômicos que interferem diretamente na vida de cada um e por consequência na dinâmica da comunidade.

Para o sucesso dessa ideia de levar os meios de produção cultural às comunidades, é imprescindível que a população seja consultada para ser parte fazedora e ativa do processo. É preciso que a equipe de educadores, instrutores, responsáveis, promova um amplo debate com os diversos atores sociais locais, a fim de conceber propostas de atuação articulada, com maior participação popular. Essa participação deve ser não somente como ouvintes, onde muitas vezes não conseguem contribuir com suas experiências, saberes, fazeres e sugestões, mas também com a criação de novos instrumentos que permitam e tornem indispensável à atuação de todos.

Para que sejam bem sucedidas, ações de inclusão e da construção de uma comunicação comunitária devem valorizar os saberes da comunidade e procurar conhecer as raízes de seu acervo cultural a fim de resgatar a memória coletiva, redescobrimo a origem dos moradores e a história da região.

É importante que o projeto se baseie na concepção de que a cultura é o produto da convivência entre as pessoas – o modo de vida, os costumes e os gostos construídos no dia a dia, nas trocas e vivências coletivas. Nesse conceito, cultura e cidadania são inseparáveis. Não se pode falar em cultura sem falar em participação e conquistas de direitos (SOARES, 2007, p. 79).

E não se pode falar de cidadania sem levar em conta os conhecimentos e os valores das comunidades. A construção da cidadania é um movimento, uma ação, que induz

a uma identidade nacional. A necessidade e exigência por cidadania se dão tanto no nível pessoal quanto no coletivo.

Vale ressaltar que a valorização dessa identidade local é capaz de promover melhorias evidentes na comunidade, sejam elas objetivas ou subjetivas. A construção de um jornal local leva a comunidade a dialogar com seus pares, divulgar suas ideias e debater suas questões. Aprender a valorizar a própria cultura é o primeiro passo em direção à emancipação e autonomia da comunidade.

Esses movimentos populares têm sido responsáveis pela produção de uma nova subjetividade das periferias no Brasil. O que conflita de forma clara com a ideia de uma comunicação imparcial já que ao contar suas histórias, as comunidades mostram seus valores, tomando sempre partido, de uma forma ou de outra, nas notícias que divulgam ou comentam. A subjetividade faz parte do seu trabalho cotidiano. E é importante que por mais envolvidos com os fatos que estejam, devem sempre procurar a isenção, que também não é estática, é dinâmica.

A comunicação comunitária pode ser utilizada para representar os problemas locais penetrando no universo cultural dos núcleos populares, intensificando a troca de informações e discussões no interior das comunidades, enfatizando a expressão e participação de seus membros.

Inserir a pesquisa, a produção de conhecimento e a prática jornalística nas comunidades funcionam como agente motivador de uma nova consciência e cultura participativa, quando se trabalha coletivamente, buscando forjar um espaço de convivência mais democrática e horizontal nos grupos, para se alcançar novas possibilidades de diálogo.

O simples acesso a bens e serviços, embora condição essencial para o exercício da cidadania, não garante o seu exercício pleno. O conhecimento sistemático, transmitido nesse processo, se constitui num elemento importante na construção da cidadania e pode e deve ser ensinado junto com hábitos e atitudes compatíveis com uma prática cidadã. Proporcionando o diálogo nas comunidades, integrando os indivíduos no processo de aprendizagem e replicação dessa aprendizagem, desenvolvendo um trabalho de reforço da autoestima, do autoconhecimento e de uma visão confiante de futuro, características importantes para o crescimento intelectual.

Cidadãos conscientes de si, do outro, da realidade que os cercam e da sua capacidade de transformação, são capazes de estimular a percepção de igualdade e diferenças, através da construção da identidade cultural e de uma memória social.

Acredito que a memória social local deva ser feita pelas comunidades e para as comunidades, na qual sua origem, evolução e destino estão indissolavelmente vinculados à vida e luta comunitária, pelos seus interesses e desejos. É a expressão dramática da população e da própria comunidade.

Os conceitos de comunidade são complexos e estão em transformação. Atualmente se estuda um conceito de “comunidade universal” onde seriam suprimidas as barreiras – nacionais ou de outra ordem – entre os homens, bem como entre o homem e a natureza e o real e o virtual.

Como forma de estabelecer um parâmetro escolho abordar a comunidade a partir das noções de sentimento de pertencimento, participação e objetivos em comum, já que os meios de comunicação ultrapassaram os laços territoriais.

Sentimento de pertencimento e participação no sentido de conviver em grupo, saber compartilhar e construir coletivamente estilos de vida, sonhos e projetos. Tendo a capacidade de negociar diferenças, pontos de vista e interesses, e assim ultrapassar o âmbito pessoal e familiar e ser responsável pelo destino comum, dessa forma identificar as questões que afetam a vida da comunidade e propor soluções concretas, mostrando o compromisso com o ambiente e a diversidade cultural, para valorizar e respeitar o significado, a origem e o sentido das tradições e dos costumes locais e se reconhecer como parte disso.

A preocupação com o objetivo comum na busca do cidadão enquanto ser criativo, preparado para dar soluções transformadoras, repensando as realidades nas quais estão inseridos é para que todos entendam os espaços possíveis, e possam dominar a tecnologia e lidar com inovações para gerir a si mesmo e o seu entorno.

As comunidades, assim como toda sociedade brasileira, são fundadas numa estrutura social de contrastes, desigualdades e injustiças. De acordo com Sergio Coelho Borges de Farias é “baseada num sistema de barreiras que dificultam ou praticamente impedem a autonomia e a progressão social de amplos setores da população”.

A comunicação comunitária propõe essa colaboração para conseguir uma libertação. Ultrapassando obstáculos, enfrentando desafios e rompendo barreiras, através de sua contribuição no registro dos fatos e na formação de cidadãos, vejo-a como um espaço de construção de conhecimento que ensina de forma lúdica e objetiva a construir uma história, a história de uma pessoa, de uma comunidade e porque não, de um país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gosto de enxergar a comunicação comunitária não como um produto histórico, mas sim um elemento vivo da própria historicidade. É ela que guia o movimento constitutivo da consciência, abrindo-se para a diversidade de caminhos a serem descobertos, estimulando cada vez mais a descoberta desses novos caminhos, provocando à comunidade para que esta visualize novos rumos onde possa se desenvolver.

Minha escolha é mostrar que essa não é uma forma de comunicação à margem, gosto de vê-la numa forma espiralar, que parece retornar ao mesmo ponto, mas quando volta já está um passo a frente, avançou, conseguindo evoluir à medida que as dificuldades e soluções são apresentadas. As ações defendidas e desenvolvidas pelas expressões populares causam transformações na vida do indivíduo e, conseqüentemente, na sua relação com mundo.

Os moradores praticantes e participantes do processo conseguem enfrentar suas opressões e modificar a realidade em que vivem, decompondo seus problemas e mostrando-os para que outros aprendam com essa situação. O objetivo da comunicação comunitária não é formar jornalistas, espero que continue sendo o de formar cidadãos. Cidadãos com a capacidade de perceber o mundo e criticá-lo.

Ao fazer parte de um grupo torna-se mais fácil levantar questionamentos e enfrentar situações que até então eram consideradas extremamente difíceis. Os moradores envolvidos no processo se humanizam na medida em que trabalham juntos para construir consciências que coexistam em liberdade. As pessoas aprendem a utilizar a comunicação para encontrar os caminhos de sua luta contra as opressões que sofrem, e para que possam ensaiar e discutir outras formas de libertação.

Quero ressaltar que a comunicação comunitária funciona na primeira pessoa do plural, onde todos aprendem a dizer a sua palavra. Dessa forma é construída uma comunicação colaborativa, onde todos são ao mesmo tempo emissores e receptores, e a informação circula livremente, emitida de pontos diversos, sendo encaminhada de maneira não linear a uma infinidade de outros pontos, que também são emissores de informação.

Assim, é interessante pensar também em novos processos de comunicação, que englobam as redes colaborativas e os sistemas híbridos, que combinam comunicação de massa, comunicação pessoal e comunicação horizontal.

Essa comunicação compartilhada é construída por várias mãos e cabeças. Tem como vantagens a troca de conhecimento e saberes e a criação de uma comunicação solidária, além da facilidade de manutenção de novas mídias. A desvantagem é que se deve desenvolver um bom relacionamento e um 'desapego' as suas próprias idéias, para a construção de novos conceitos.

Reforçando o exercício da cidadania, aprendendo a conviver com a diferença, respeitando o outro, seus valores, crenças e pontos de vista. Dessa forma, acho fundamental que os moradores tenham contato com instrumentos básicos para o desenvolvimento da cidadania e para a conscientização acerca do valor do patrimônio cultural herdado e por cuja contínua revitalização são legítimos responsáveis.

Além do aprendizado e do domínio técnico relacionado à comunicação, é preciso que aprendam a crescer enquanto seres humanos, desenvolvendo competências pessoais, relacionais, cognitivas e produtivas³.

Cada competência básica torna-se uma fonte de atitudes e habilidades para que os indivíduos enfrentem os desafios do tempo e da sociedade em que vivem. A atitude no sentido que o cidadão se posiciona frente às diversas situações, dimensões e circunstâncias concretas de sua vida. Essa atitude depende do modo como ele compreende e dá significado ao contexto onde está inserido. Já a habilidade é a capacidade não apenas de aplicar suas experiências um conhecimento adquirido, mas, sobretudo, dominar o processo de criação e gestão dessas habilidades como

³ Quatro competências para o desenvolvimento de potenciais desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna, no livro **Educação para o desenvolvimento humano**.

ferramentas de transformação de si mesmo e do mundo. Sabendo interagir crítica e criativamente com os meios de comunicação.

A criatividade precisa ser alimentada, confirmada, estimulada e moldada. Ela acontece nos pequenos atos do dia a dia, e essa descoberta do novo, da mudança, pode vir a ser apresentada ao mundo ou apenas ser usada para tornar o conhecimento acessível, fortalecendo o indivíduo e a comunidade.

É preciso trabalhar a criatividade em prol de uma história que está sendo construída, valorizando as histórias de vida das pessoas, contadas por elas mesmas, registradas e socializadas pelas próprias comunidades. Pois ela é contada, viva, permanente e em constante transformação. Todos são pessoa e personagem da própria história, que merece ser preservada para as futuras gerações, de forma acessível e útil, e só assim o registro e o uso das histórias se perpetuam.

O que é produzido socialmente deve ser apropriado pela sociedade. A história de cada um e de todos diz respeito à história de toda a sociedade. A construção das histórias pelos veículos de comunicação contribui para uma nova memória social. Articuladas, as notícias produzidas por diferentes indivíduos e comunidades tecem uma nova memória social, plural e democrática. Articulando num trabalho criativo e de intenso grau de comunicação entre o indivíduo e o coletivo. Assim, o sujeito se descobre como cidadão, redefinindo seu papel em sua comunidade.

Ele deixa de ser um observador passivo do mundo ao qual faz parte, para ser um agente ativo de transformação social. Embora o homem seja biologicamente igual em todo mundo, o comportamento e os valores humanos diferem de acordo com cada cultura e até mesmo entre grupos de indivíduos numa mesma cultura.

A comunidade é estimulada durante o processo a produzir narrativas, coletar documentos, fotos, objetos e identificar espaços e construções que considere parte de sua história. Tanto da história individual quanto coletiva, para que os conteúdos registrados e coletados possam ser utilizados pelo próprio grupo ou por outros, relacionando esses conteúdos, estabelecendo novas conexões entre eles.

Depois de classificar, processar e preservar esses conteúdos produzidos é preciso socializá-los, completando o ciclo, fazendo com que as informações cheguem a novos receptores, sendo assim, lidas, escutadas e interpretadas por alguém. Essa socialização pode acontecer em diferentes meios e redes, utilizando qual veículo é mais apropriado a cada comunidade. É nessa teia que as memórias se conectam, abrindo novas possibilidades de interação social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Educação para o desenvolvimento humano**. São Paulo: Saraiva, 2004.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque arte-educação?** Campinas: Papirus, 1983.

FARIAS, Sergio C. B. **O Teatro e a formação da cidadania na sociedade moderna contemporânea**. Rio de Janeiro: Revista da Fundarte, ano 1, nº 01, vol. 1. 2001. pp. 12 – 15.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação comunitária como direito, participação popular e cidadania**. www.alaic.net/VII_congresso/gt/gt_15/indice_15.html. 05/03/2012.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 5, nº 10. 1992. pp. 200 – 215.

SILVA, René Marc da C. **Cultura Popular e Educação: salto para o futuro**. Brasília: MEC. 2008.

SOARES, Sebastião. Projetos sociais e participação popular. In: **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo. 2007. pp. 77 – 88.